

Língua Portuguesa e o discurso de sujeitos haitianos

Renata Aparecida Ianesko (UFMS/UNIR - PG)^a

re.ianesko@gmail.com

RESUMO

Este trabalho se insere na visão discursivo-desconstrutivista e tem como objetivo problematizar a representação de Língua Portuguesa dos sujeitos haitianos moradores da cidade de Três Lagoas. Partimos dos princípios teórico-metodológicos oriundos dos Estudos Culturais e da Análise de Discurso da linha francesa que entre outros objetivos busca a compreensão da produção social de sentidos. Abordamos as noções de sujeito, discurso e formação discursiva pela leitura de Pêcheux¹ e Foucault²; representação, pelo viés de Coracini³. Assim, por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas, buscamos refletir sobre a representação que o sujeito haitiano faz sobre a Língua Portuguesa. Por fim, podemos observar, por meio das análises, que no discurso dos entrevistados perpassa a sua representação de estrangeiro com muitas restrições sociais, a começar pela língua e é o domínio da Língua Portuguesa, principalmente, que representa sua condição de adaptação no Brasil.

Palavras-chave: Haitiano, Língua Portuguesa, Estrangeiro.

ABSTRACT

This work is into the vision of deconstructivist discursive and it aims to problematize the representation of the portuguese language of the haitian people who live in the city of Três Lagoas. We start from the theoretical and methodological principles derived from cultural studies and the french line of the discourse analysis, which among other objectives seeks the social production of meanings. We approach the notion of subject, discourse and discursive formation from the authors such as Pêcheux and Foucault; representation from the author Coracini. Thus, through semi-structured interviews, recorded and transcribed, we aim to

^a Aluna de doutorado em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Professora do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia e bolsista pela FAPERO.

¹ Cf. PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Trad. De Eni Orlandi *et alii*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

² Cf. FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução: Luiz Felipe Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

³ Cf. CORACINI, Maria J. R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução* / Maria José Coracini. - . Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

reflect about the representation that the haitian subject has about the portuguese language. Lastly, we could observe, from the analysis, that on the discourse of the analised people there is the representation of the foreigner with some social restrictions and they start because of the language and when they can speak the language they, mainly, have good conditions to adapt in Brazil.

Keywords: Haitian, Portuguese Language, Foreigner.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se baseia na reflexão sobre a Língua Portuguesa no discurso de um grupo de haitianos, moradores da cidade Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul. Como sabemos, a questão da emigração haitiana vem ganhando espaço a cada ano na academia por ser um fenômeno constante e principalmente agora vem ganhando outros destinos. O Haiti, por assim dizer, se localiza em uma das regiões mais bonitas do planeta, Mar do Caribe, com uma população de cerca de nove milhões de pessoas e é considerado um dos países mais pobres das Américas e Caribe. O país está localizado entre a América do Norte e a América do Sul.

Com relação à sua história, podemos considerar que no ano de 1492, o Haiti foi descoberto por Cristóvão Colombo e recebeu o nome de Ilha de Hispaniola. Por questões políticas, a ilha foi dividida com a França, assim, a parte hoje denominada República Dominicana ficou pertencendo a Espanha e França foi colônia do que viria a ser chamado hoje de Haiti. O país, depois de uma violenta revolta dos escravos, aboliu a escravidão e em 1801 Toussaint Louverture, um líder popular e ex-escravo autodidata, tornou-se governador geral do Haiti. Em 1804, Jacques Dessalines continua com o movimento de resistência e declara o Haiti um país independente, no entanto, em apoio a França escravistas americanos e europeus fazem um bloqueio naval comercial no Haiti que durou 60 anos⁴. No ano de 1957 é instaurada a ditadura no Haiti que perdurou até o ano de 1986, e que prejudicou ainda mais a economia

⁴ LOUIDOR, W. E. Uma história paradoxal. IN. *Haiti por si: a Reconquista da independência roubada*. Adriana Santiago (Org.) Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

do país. No entanto, mesmo com o término do período de ditadura, o país continuou em crise econômica.

No século XX, especialmente a partir da segunda metade, assistiu-se à migração em massa de haitianos para outros países em busca de melhores condições de vida, seja por liberdade política e social, seja pela busca de oportunidades de trabalho ou estudos e, nesse sentido o Brasil figura como um dos destinos da emigração haitiana na contemporaneidade, e em especial nos referimos neste trabalho, ao contexto da cidade de Três Lagoas, no estado do Mato Grosso do Sul, doravante MT. Isso ocorreu, principalmente, porque em 2010, o Haiti viveu um dos mais terríveis episódios de sua história, um terremoto que deixou mais de 1,5 milhões de desabrigados, o que fez com que os haitianos procurassem formas de melhorarem suas vidas e um dos destinos mais procurados foi o Brasil, país que já recebeu mais de 38,000 haitianos que entraram sem documentos ou visto.

O contexto desta pesquisa é atravessado pelas relações de poder e, por isso, é importante dar relevância a essa questão. Acreditamos, assim que os haitianos, por estarem no Brasil, em busca de melhores condições de vida, constituem sua subjetividade numa constante arena de luta.

Assim, esse trabalho tem como objetivo principal refletir sobre a representação da identidade dos sujeitos haitianos do município de Três Lagoas, inseridos em um processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como língua estrangeira a partir da perspectiva discursiva e do processo de referenciação linguística.

Por intermédio de uma análise linguístico discursiva pretendemos observar como os dizeres de haitianos, aprendizes de português, significam em uma determinada situação discursiva e como se articulam para a produção de sentidos.

Utilizaremos a metodologia discutida por Foucault⁵, em que recorreremos à aplicação de entrevistas semiestruturadas aos alunos-adultos haitianos. São alunos regularmente matriculados em um curso formal de Português para haitianos que foi iniciado em 2014 na escola Elson Lot Rigo no município de Três Lagoas no estado do Mato Grosso do Sul. Partimos dos princípios teórico-metodológicos oriundos da Análise de Discurso (AD) da

⁵ Cf. FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução: Luiz Felipe Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 147.

linha francesa que, entre outros objetivos, busca a compreensão da produção social de sentidos.

Com relação às entrevistas optamos por realizá-las em Língua Portuguesa por concordar que o sentido depende, entre outras questões, das condições de produções e como acreditamos que o discurso é definido por meio de enunciados construídos por formações ideológicas, talvez conseguiremos refletir sobre o discurso do sujeito haitiano de forma singular, interpelado pelas ideologias que o rodeiam.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Partimos da perspectiva que a Análise do Discurso, doravante AD, é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia” de acordo com Brandão⁶. Por isso, acreditamos que para refletir questões referentes à identidade dos haitianos pesquisados seja importante nos basearmos na metodologia teórica da AD, a qual tem como objeto de estudo o discurso e não a língua e o texto é analisado e não o signo ou a frase. Assim, p3 46ra Orlandi⁷ o texto na AD é considerado “não em seu aspecto extensional, mas qualitativo, como unidade significativa da linguagem em uso, logo unidade de natureza pragmática”.

Dessa maneira, essa metodologia de análise pressupõe um estudo que observe a materialidade discursiva, pois para Pêcheux⁸, a língua seria um lugar em que os efeitos de sentido são realizados. Consideramos, nessa perspectiva, que é possível haver a desconstrução nos discursos, ou seja, não há apenas um sentido para cada discurso e a sua interpretação dependerá dos âmbitos sociais ao qual ele foi pronunciado. Segundo Orlandi,⁹ “a análise do discurso como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra etimologicamente tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr, de movimento”. Para

⁶ Cf. BRANDÃO, H. H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3ª. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 11.

⁷ Cf. ORLANDI, E. P. *A análise do discurso: algumas observações*. D.E.L.T.A., vol., nº1. São Paulo, fev. 1986. p. 107.

⁸ Cf. PECHEUX, Op. Cit.

⁹ ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. Ed. Campinas: Pontes, 1999. p. 15

Foucault¹⁰, o discurso possui esse caráter de não fixidez quando fala sobre a problematização do linguístico com o histórico social, da descontinuidade, do descentramento, e do processo diaspórico dos sentidos.

Assim, segundo Indursky¹¹ “a AD pressupõe a linguística, mas não se limita a ela”. Na AD, a linguagem seria um produto sócio-histórico e não um sistema abstrato, no qual os sentidos não são estáveis e transparentes ou fixos, e sim construídos socialmente em determinado período histórico, por isso a linguagem não é um produto acabado, mas sim um processo em construção. Nos basearemos na teoria de Foucault¹² quando afirma que o discurso é um conjunto de enunciados, os quais se apoiam em uma mesma área de conhecimento, podendo ser eles o “discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico” e todos os demais discursos de um mesmo sistema de formação.

E também de Pêcheux¹³ quando fala sobre o processo de re-inserção do discursivo, dos efeitos de sentidos e ainda com o processo histórico no cenário da linguagem, o sujeito emerge como ponto principal, pelo viés da memória intradiscursiva.

O sujeito para a AD é o sujeito do discurso, social, pois não é apenas um reproduzidor de arranjos. No entanto, esse sujeito, ilusoriamente, acredita ser o dono de suas palavras e também acredita que determina seu dizer, nos referindo aos esquecimentos de Pêcheux (1988) e para ele “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes pelas formações ideológicas que lhes são correspondentes”.¹⁴

Partiremos de dois pressupostos, o primeiro é com relação a constituição da identidade dos haitianos pesquisados, os quais são afetados pela alteridade e pela diferença e o contato com o brasileiro, o que provoca neles um estranhamento, responsável pela forma como eles representam a si próprios e ao outro.

O segundo pressuposto é a concepção de sujeito, o qual é multifacetado, clivado, heterogêneo, cuja constituição histórica o leva a ser atravessado por discursos outros e interpelado ideologicamente¹⁵. Ou seja, o discurso dos haitianos, assim como todos os outros, é

¹⁰ Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

¹¹ Cf. INDURSKY, F. *A Fala dos Quartéis e as Outras Vozes*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 17.

¹² FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 122.

¹³ Cf. PÊCHEUX. Op. Cit.

¹⁴ Cf. PÊCHEUX. Op. Cit., p. 161.

¹⁵ Cf. PÊCHEUX. Op. Cit.

constituído por enunciados de outros discursos, pois o sujeito não é uno, coeso, mas é atravessado por uma heterogeneidade de discursos que o constitui. Para Pêcheux ¹⁶

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc, não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Assim, buscaremos fazer uma análise com base na conceituação de Pêcheux sobre ideologia, que é baseada no livro de Althusser “Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado” (1974) no qual ele discute como os aparelhos ideológicos como escola, família e prisão interferem nas práticas sociais, pois o sentido das palavras não é fixo e nem existe em si, mas é constituído pela interpelação ideológica do indivíduo que o torna um sujeito ideológico.

Com relação às representações de identidades, Hall¹⁷ explica que:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Assim, para os estudos culturais, o conceito de identidade pressupõe movimento, algo em construção, ou seja, o conceito passa a ser interpretado como identificação e vai ao encontro da perspectiva desconstrutivista de Derrida, na medida em que aponta a identidade como um conceito que acontece ‘sob rasura’. Sendo assim, para Hall¹⁸, existem múltiplos deslocamentos identitários, deslocamentos esses que acontecem em diferentes momentos da vida do sujeito.

ANÁLISE DISCURSIVA

Esta pesquisa tem como objetivo fazer a análise de trechos de uma entrevista de um haitiano integrante da turma de Português destinados a haitianos em uma turma formal no município

¹⁶ Cf. PÊCHEUX. Op. Cit., p. 160.

¹⁷ Cf. HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, 2000, p. 108.

¹⁸ Cf. Ibid.

de Três Lagoas – MS e é baseado no pressuposto de referenciação como atividade discursiva e na Análise de Discurso de linha francesa.

No seguinte excerto o aluno haitiano fala sobre as vantagens e o motivo pelo qual se mudou para o Brasil:

SA1: eu acho (**no Brasil** mais fácil) porque tem pra fazer Enem... se você tem boa (nota) é fácil ... tem muitas possibilidades pra fazer faculdade **aqui**... (...) eu já fizê/ inscrição vou tentar... (...)porque **aqui** você/um jovem pode trabalhar de manhã... estudar ainda tarde e noite... e no Haiti vai ser difícil para trabalhar e estudar também... se é estudar só... trabalhar só... porque jovem que estuda lá no Haiti é os pais que paga tudo pra **ele**...

Observamos que no trecho do aluno existem duas anáforas que remetem ao mesmo referente, a primeira quando o aluno utiliza o termo “aqui” e segunda com o mesmo termo, o que coloca o referente novamente em foco, numa recuperação do termo “Brasil”. Encontramos também a anáfora indireta “ele” se referindo ao termo anterior “jovem”, o qual tem como objetivo introduzir um novo referente e dar continuidade ao texto, segundo Marcuschi¹⁹. Podemos notar que o efeito de sentido principal diz respeito às facilidades encontradas no Brasil, principalmente relacionadas às oportunidades de trabalho e estudo ao mesmo tempo.

Quando perguntado se acredita que é possível viver bem no Haiti, o aluno responde:

SA1: Sim... tem que fazer faculdade... ter profissão pra trabalhar... pra ocupar toda sua família... lá no Haiti... pessoa que trabalha/ homem - - tem espoSA quase não trabalha... é **hoMEM** que quase fazer tudo... paga aluguel... fazer comPRA/... ele trabalha para cuidar da sua família... (toda) família

Para Foucault²⁰, todos nós estamos atravessados por preceitos, memórias, possíveis verdades e ideologias ancoradas em filosofias positivistas, e que o homem está enredado nas limitações que a inscrição social lhe impõe. Ou seja, parece que para este aluno é importante seguir essa questão cultural do seu país e para isso, é necessário fazer uma faculdade, o que o permitiria viver “bem” no Haiti.

Acreditamos que pelo aluno haitiano estar imerso na cultura e língua brasileira, torna-se possível observar questões sobre sua própria cultura e identidade, pois segundo Grigoletto²¹

¹⁹ MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V., MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 58.

²⁰ Cf. Id. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

²¹ Cf. GRIGOLETTO, M. *Língua e identidade: representações da língua estrangeira no discurso dos futuros professores de língua inglesa*. In: GRIGOLETTO, M. & CARMAGNANI, A. M. G. (org.) *English as a foreign language: identity, practices and textuality*. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 138.

o próprio processo de aprendizagem de uma língua estrangeira propicia o estranhamento, já que o contato com a nova língua e cultura causa o retorno do olhar sobre si mesmo e sobre a sua cultura. Esse movimento de retorno instaura o espaço da diferença, significando que a própria representação de si é afetada pela comparação com o outro (o estrangeiro ou a língua estrangeira). Assim, o aluno ao responder o questionamento explicando como é no seu país, passa a refletir e se mostra preocupado em seguir o enredo vivido no Haiti objetivando retornar ao lugar de origem para poder realizar a inscrição social que lhe é imposta que no caso é ser o responsável por “trabalhar para cuidar de sua família”.

Na pergunta sobre como o aluno acredita que o brasileiro o vê, o entrevistado responde:

SA1: boa questão... tem () o jeito diferente... **tem pessoa que me vê como pessoa que não sabe nada:::** que não tem educação... quando ele - - se eu fui no emprego eu manda pra trabalhar... me dão folha pra preencher - - quando ele vê eu escrever assim - - ele você sabe escrever? Sim::: porque eu tenho muita facilidade pra aprender a língua... e (ainda) quanto tempo você tem aqui? quando eu falo ele - - oh você aprende muito...

Assim, percebemos que o aluno nos conduz a entender que há momentos em que sofre preconceito como observamos na frase “tem pessoa que me vê como pessoa que não sabe nada”. No entanto, quando o aluno foi perguntado se considera ser excluído, ele responde que não. Ou seja, há a denegação de que seja excluído, assim, de acordo com Indursky²² “na teoria psicanalítica, através da negação, o sujeito pode mascarar aquilo que, por ter sido censurado pelo superego e recalçado no inconsciente, não lhe é facultado dizer. Ou, se preferirmos seria através da denegação que o sujeito diz sem, de fato, dizer, apresentando-se dividido entre seu desejo de dizer a sua necessidade de recalçar. E a denegação possibilita a verbalização dessa divisão, pois o sujeito, ao formular o recalçado negativamente, pode expressá-lo sem, contudo, admiti-lo.

Para Sawaia²³ “a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É um processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela”.

Quando perguntado o que acha da Língua Portuguesa, o sujeito haitiano responde:

²² Cf. INDURSKY, F. *Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação*. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 9, Campinas: Unicamp, 1990, p. 118.

²³ Cf. SAWAIA, B. Uma ideologia separatista? In: SAWAIA, Bader (org). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 9.

SA2: para mim português não é TÃO::: difícil... porque eu já sabia faLA: espanhol... o espanhol e o português é muito parecidos... é filha e mãe... mas são diferentes... é filha e mãe... a mãe vai ser mais velha néh:::... pode ser até parecido muito... é essa a diferença, por isso para mim o português não é tão difícil... o problema é esse... quem já fala espanhol e fala BEM o espanhol... no momento em que vai falar português... vai querer entrar palavras espanholas... o que é normal porque é muito parecido (...)

Assim, notamos que ao considerarmos o Português como uma língua estrangeira, o fato do aluno já dominar o idioma espanhol torna a aprendizagem da língua portuguesa mais fácil.

Outro aluno, ao ser perguntado sobre a mesma questão, responde:

SA3: difícil... não vou falar... porque eu não fui pra escola... eu não especializei em nenhum lugar... mas eu estou falando português agora em menos de três anos

Acreditamos que pelo motivo do aluno haitiano estar imerso na língua e cultura brasileira, torna-se possível observar questões sobre sua própria cultura, pois segundo Grigoletto²⁴, o próprio processo de aprendizagem de uma língua estrangeira propicia o estranhamento, já que o contato com a nova língua e cultura causa o retorno do olhar sobre si mesmo e sobre a sua cultura. Esse movimento de retorno instaura o espaço da diferença, significando que a própria representação de si é afetada pela comparação com o outro (o estrangeiro ou a língua estrangeira). Nesse contexto, a comparação é feita baseada nas línguas que os haitianos já conhecem. Sendo assim, os idiomas português e espanhol são considerados parecidos o suficiente para ajudarem aos haitianos na comunicação básica tanto para os que acabam de chegar como também para os que já moram no Brasil por algum tempo, pois o espanhol, nesse caso, se torna uma importante base para os haitianos que já falam a língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a observação dessas entrevistas percebemos que, apesar do aluno presenciar certo preconceito em seu dia a dia, talvez queira descrever essa situação de forma não negativa, negando que seja excluído, mas entendendo que algumas vezes vai enfrentar situações de preconceito.

Outra questão diz respeito à sua identidade, que nesse momento, talvez indique seu sentimento de pertencimento, porque, por estar em condição de diáspora por motivos

²⁴ Cf. Op. cit., p. 138.

principalmente financeiros, há uma busca constante em conseguir demonstrar que sua cultura e características sociais são muito parecidas com a cultura brasileira, tornando-o similar ao brasileiro e, portanto, demonstrando possuir a ideia de que esteja incluído socialmente. O que indica, todavia, que o objetivo pelo qual veio para o Brasil seja de caráter provisório, visto que o objetivo principal e final, talvez seja poder retornar para viver “bem” no Haiti.

Como hipótese de trabalho, partimos do pressuposto de que os sujeitos haitianos estão em um contexto de marginalização e estereotipação. Assim, talvez seja possível identificar, pelos recortes selecionados dos entrevistados, que a representação de identidade dos haitianos traz uma tentativa de ressignificação identitária de uma forma geral na sociedade brasileira por parte dos sujeitos, os quais buscam constantemente uma aprovação social, confirmando nossa hipótese. Assim, essa aprovação social seria facilitada quando há o domínio da língua vigente do país, no caso o Português. Por fim, podemos observar, por meio das análises, que no discurso dos entrevistados perpassa a sua representação de estrangeiro com muitas restrições sociais, na qual a língua tem papel fundamental.